

UMBERTO PADOVANI e LUIS CASTAGNOLA
Da Universidade de Pádua Da Universidade Federal do Paraná

História da Filosofia

Com o estudo

"O PROBLEMA DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA"
do Prof. Artur Versiani Velloso

Monteiro
16.5.2010


MELHORAMENTOS

tência de coisas distintas de Deus: o *Ente cria as existências*. Desta verdade temos uma intuição *a priori*, mas podemos dar-lhe uma confirmação *a posteriori*, mediante a contingência do mundo. Outra característica da filosofia giobertiana é a *teoria do supra-inteligível*. Toda concepção humana tem duas faces: uma clara e inteligível, outra obscura e misteriosa; assim, o homem tem um vago senso do mistério, que lhe é depois manifestado pela revelação. A ética de Gioberti é, substancialmente, a tradicional: *as existências devem voltar ao Ente*; isto é, as criaturas devem voltar a Deus mediante a lei moral.

A *atividade política*, para Gioberti, está essencialmente conexa com a atividade filosófica: é impossível operar sem conhecer, bem como conhecer sem operar. A ação, na sua totalidade, é social e política; a política deve visar a formação espiritual e pedagógica, sendo considerado o catolicismo como meio de educação política. O *problema pedagógico* é problema político; os direitos educacionais da igreja católica são antes reconhecidos, depois negados, cabendo ao estado a função de instruir e educar. Duas são as fontes principais da civilização: o cristianismo e a civilização greco-romana, integrados pela educação científica moderna, em especial filosófica. A verdade não deve ser separada da beleza, donde a necessidade da educação literária e física, esportiva e, sobretudo, militar.

CAPÍTULO IV

O POSITIVISMO

SUMÁRIO: Características gerais. 1 — A afirmação do positivismo — O positivismo francês: Augusto Comte — Hipólito Taine — O positivismo inglês: João Stuart Mill — Herbert Spencer — O positivismo alemão: A esquerda hegeliana e o monismo materialista — O neokantismo e o positivismo — A filosofia da imanência e o empiriocriticismo — O positivismo italiano — Positivistas menores — Roberto Ardigò. 2 — A reação antipositivista — O neo-hegelianismo italiano: Benedetto Spaventa — O psicologismo alemão: Guilherme Wundt — O pragmatismo americano: William James — O contingen-

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Ao idealismo da primeira metade do século XIX se segue o positivismo, que ocupa, mais ou menos, a segunda metade do mesmo século, espalhado em todo o mundo civilizado. O positivismo representa uma reação contra o apriorismo, o formalismo, o idealismo, exigindo maior respeito para a experiência e os dados positivos. Entretanto, o positivismo fica no mesmo âmbito imanentista do idealismo e do pensamento moderno em geral, defendendo, mais ou menos, o absoluto do fenômeno. "O fato é divino", dizia Ardigò. A diferença fundamental entre idealismo e positivismo é a seguinte: o primeiro procura uma interpretação, uma unificação da experiência mediante a razão; o segundo, ao contrário, quer limitar-se à experiência imediata, pura, sensível, como já fizera o empirismo. Daí a sua pobreza filosófica, mas também o seu maior valor como descrição e análise objetiva da experiência — através da história e da ciência — com respeito ao idealismo, que alterava a experiência, a ciência e a história. Dada essa objetividade da ciência e da história no pensamento positivista, compreende-se porque elas são fecundas no campo prático, técnico, aplicado.

Além de ser uma reação contra o idealismo, o positivismo é ainda devido ao grande progresso das ciências naturais, particularmente das biológicas e fisiológicas, do século XIX. Tenta-se aplicar os princípios e os métodos daquelas ciências à filosofia, como resolvidora do problema do mundo e da vida, com a esperança de conseguir os mesmos fecundos resultados. Enfim, o positivismo teve impulso,

Ao idealismo se segue o positivismo, como reação contra o abstratismo idealista. Entretanto, o positivismo se limita à experiência como o idealismo.

Daí a pobreza filosófica do positivismo.

O positivismo é também o resultado do desenvolvimento das ciências positivas.

graças ao desenvolvimento dos problemas econômico-sociais, que dominaram o mesmo século XIX. Sendo grandemente valorizada a atividade econômica, produtora de bens materiais, é natural se procure uma base filosófica positivista, naturalista, materialista, para as ideologias econômico-sociais.

Gnosiológicamente, o positivismo admite, como fonte única de conhecimento e critério de verdade, a experiência, os fatos positivos, os dados sensíveis. Nenhuma metafísica, portanto, como interpretação, justificação transcendente ou imanente, da experiência. A filosofia é reduzida à metodologia e à sistematização das ciências. A lei única e suprema, que domina o mundo concebido positivisticamente, é a evolução necessária de uma indefectível energia naturalista, como resulta das ciências naturais.

Dessas premissas teóricas decorrem necessariamente as concepções morais hedonistas e utilitárias, que florescem no seio do positivismo. E delas dependem, mais ou menos, também os sistemas político-econômico-sociais, florecidos igualmente no âmbito natural do positivismo. Na *democracia moderna* — que é a concepção política, em que a soberania é atribuída ao povo, à massa — a vontade popular se manifesta através do número, da quantidade, da enumeração *material* dos votos (sufrágio universal). O *liberalismo*, que sustenta a liberdade completa do indivíduo — enquanto não lesar a liberdade alheia — sustenta também a livre concorrência econômica através da luta mecânica, do conflito *material* das forças econômicas. Para o *socialismo*, enfim, o centro da vida humana está na atividade econômica, produtora de bens *materiais*, e a história da humanidade é acionada por interesses *materiais*, utilitários, econômicos (materialismo histórico), e não por interesses espirituais, morais e religiosos.

O positivismo do século XIX pode semelhar ao empirismo, ao sensismo (e ao naturalismo) dos séculos XVII e XVIII, também pelo país clássico de sua floração (a Inglaterra) e porquanto reduz, substancialmente, o conhecimento humano ao conhecimento sensível, a metafísica à ciência, o espírito à natureza, com as relativas consequências práticas. Diferencia-se, porém, desses sistemas por um elemento característico: o conceito de *vir-a-ser*, de *evolução*, considerada como lei fundamental dos fenômenos empíricos; isto é, de todos os fatos humanos e naturais. Tal conceito representa um equivalente naturalista do historicismo romântico da primeira metade do século XIX, com esta diferença, entretanto, que o idealismo concebia o *vir-a-ser* como desenvolvimento racional, teleológico, ao passo que o positivismo o concebe como evolução, por causas. Através de um conflito *mecânico* de seres e de forças, mediante a luta pela existência, determina-se uma seleção natural, uma eliminação do organismo mais imperfeito, sobrevivendo o mais perfeito. Daí acreditar o positivismo firmemente no progresso — como nele já acreditava o idealismo. Trata-se, porém, de um progresso concebido naturalisticamente, quer nos meios quer no fim, para o bem-estar material.

política e evolução

No entanto, no seio do próprio positivismo, se determina uma crítica ao positivismo.

Esta crítica tem uma fase negativa, outra positiva; sobre esta falaremos, porém, no capítulo seguinte.

Afirmção e características do positivismo nos vários países.

Mas, como no âmbito do idealismo se determinou uma crítica ao idealismo, igualmente, no âmbito do positivismo se determina uma crítica ao positivismo. Para o positivismo, a única realidade existente, o cognoscível, é a realidade física, o que se pode atingir cientificamente. Portanto, nada de metafísica e filosofia, nada de espírito e valores espirituais. No entanto, atinge a ciência fielmente a sua realidade, que é a experiência? E a ciência positivista é pura ciência, ou não implica uma metafísica naturalista inconsciente e, involuntariamente, discutível pelo menos tanto quanto a metafísica espiritualista? Nos fins do século passado e nos princípios deste século se determina uma crise interior da ciência mecanicista, ideal e ídolo do positivismo, para dar lugar a outras interpretações do mundo natural no âmbito das próprias ciências positivas. Daí uma revisão e uma crítica da ciência por parte dos mesmos cientistas, que será uma revisão e uma crítica do positivismo.

Nessa crítica e vitória sobre o positivismo, pode-se distinguir duas fases principais: uma negativa, de crítica à ciência e ao positivismo; outra positiva, de reconstrução filosófica, em relação com exigências mais ou menos metafísicas ou espiritualistas. Desta segunda fase, falaremos mais adiante, constituindo ela a filosofia do século vinte.

1. — A AFIRMAÇÃO DO POSITIVISMO

Na Inglaterra, o país clássico do empirismo, o positivismo do século XIX representa um desenvolvimento do empirismo precedente. Na Alemanha, a terra clássica do criticismo e do idealismo, o positivismo se desenvolve como reação contra o hegelianismo e como desenvolvimento crítico do kantismo. Na França, o positivismo afirma-se logo sistematicamente, de harmonia com a natureza consequencial do espírito francês, e para finalidades político-sociais, em relação também com os grandes problemas sociais e políticos, suscitados pela revolução francesa. Na Itália, enfim, o positivismo — que tinha precedentes no sensismo de Condillac — se concretiza como reação contra o espiritualismo cristão, que emergia no pensamento italiano do século XIX.

O POSITIVISMO FRANCES

O positivismo francês é o primeiro em ordem de tempo, e tem seus precedentes no sensualismo iluminista do século XVIII. Pode ele ser considerado como uma reação contra o espiritualismo clássico francês, que depende inicialmente de Descartes, e no século XIX teve um incremento graças especialmente ao eclético Vitor Cousin e à sua escola. Entretanto, ainda que primeiro em ordem de tempo, o positivismo francês não tem um correspondente primado específico, crítico. Tal primado cabe, ao invés, ao positivismo inglês, especialmente graças a João Stuart Mill. Tanto assim que no difuso positivismo francês do século XIX, que teve larga influência no

A gnosiotologia do positivismo é só baseada na experiência; não há, pois, metafísica. A filosofia é reduzida a uma simples sistematização das ciências. A moral do positivismo é hedonista.

O positivismo é semelhante ao empirismo,

mas dele se diferencia por um traço característico: o conceito de evolução.

mundo prático social, econômico, político, moral, pedagógico, religioso, limitar-nos-emos a considerar apenas Augusto Comte e Hipólito Taine.

Augusto Comte.

O maior representante do positivismo francês é Augusto Comte (1798-1857); por motivo cronológico, é também considerado o fundador do positivismo em geral. Augusto Comte, nascido em Montpellier, estudou e lecionou durante alguns anos na Escola Politécnica de Paris. Suas obras principais são: o *Cours de philosophie positive*, em seis volumes, onde é exposto o seu sistema filosófico, o *Système de politique positive*, em quatro volumes, em que expõe a sua utopia político-social, de harmonia com a sua doutrina filosófica.

A filosofia, com suas idéias abstratas elaboradas pela razão, Comte quer substituir a ciência, com os seus dados positivos, firmados sobre a experiência. A ciência, ou, melhor, o sistema hierárquico das ciências, tendo por objeto a totalidade dos fenômenos empíricos, deveria substituir a filosofia. A filosofia reduz-se, portanto, a uma sistematização das ciências, e a uma metodologia: a doutrina do método positivo. Não se investigam as causas primeiras e a essência metafísica dos fenômenos, mas procura-se apenas fixar em leis sempre mais gerais, as relações constantes de sucessão ou de semelhança entre os próprios fenômenos, entre os fatos entendidos positivamente.

A ordem lógico-hierárquica das ciências, segundo a concepção de Comte, corresponde à ordem histórica da formação das mesmas, subindo de uma maior abstração e menor complexidade a uma maior complexidade e menor abstração: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia. Comte — como Hegel — encerra em uma grande moldura histórica e seu sistema, que deveria ser a conclusão de toda a especulação filosófica precedente. Segundo ele, o pensamento — a civilização humana em geral — atravessa três grandes fases: uma fase *teológica*, em que a humanidade recorre a seres transcendentes e divinos para explicar os fenômenos da experiência; uma fase *metafísica*, em que se recorre, ao invés, a entidades racionais, abstratas; enfim uma fase *positiva*, em que se pretende entender os fatos unicamente em sua realidade empírica, e em suas relações científicas. Nesta última fase, o culto da divindade é substituído pelo culto da humanidade. A humanidade — segundo Comte — seria a mais complexa e mais rica forma de realidade que a ciência positiva possa atingir; seria uma entidade superior e mais real do que os próprios indivíduos. Tal atitude de Comte não está, na verdade, muito longe da consciência que o espírito humano adquire da sua divindade, através do desenvolvimento histórico-dialético da Idéia, no sistema de Hegel.

Comte pretende dar um escopo prático à ciência. Esta, no segundo momento da atividade filosófica de Comte, representada pelo Sistema de Política Positiva, assume um aspecto religioso verdadeiro

Na fase teológica dominam a imaginação e o culto da divindade;

na fase metafísica domina a razão, e realiza-se a luta pela instauração

da fase positiva em que dominam o culto da humanidade e a ciência positiva.

Augusto Comte

Teoria de Comte a respeito da chamada religião da humanidade.

20

Comte é o maior positivista francês (1798-1857).

Suas obras filosóficas.

A filosofia é reduzida a uma sistematização das ciências positivas.

A ordem lógico-hierárquica das ciências, segundo a concepção de Comte, corresponde à ordem histórica da formação das mesmas, subindo de uma maior abstração e menor complexidade a uma maior complexidade e menor abstração: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia.

Segundo Comte, o pensamento humano

atravessa três fases:
a) a teológica,
b) a metafísica,
c) a positiva.

Nesta última o culto da divindade é substituído pelo culto da humanidade.

e próprio. Antes de chegar à claridade do pensamento positivo — como já foi dito — a civilização humana inteira, em suas várias manifestações, passou pelo estágio teológico e, depois, pelo estágio metafísico. A evolução social estaria sujeita a leis naturais invariáveis, que excluem qualquer intervenção de vontades superiores. No estágio *teológico* predomina a imaginação, e a realidade é concebida como sendo governada por seres divinos. Esse estágio se divide, por sua vez, em três graus: fetichismo, politeísmo, monoteísmo. O fetichismo considera todos os corpos, quer naturais quer artificiais, como seres animados; o fetichismo, no dizer de Comte, encontrar-se-ia também entre alguns animais mais perfeitos. Todos os sistemas teológicos têm por base o fetichismo, mesmo o panteísmo moderno alemão. Através da astrologia, passa-se do fetichismo ao politeísmo, o que, pela sua duração, é a fase principal do estágio teológico. O politeísmo, por sua vez, toma três formas principais: egípcia ou teocrática, grega ou espiritual, romana ou social.

A fase monoteísta afirma-se através de uma revolução que, pela sua importância, vem logo depois da revolução francesa; concorrem para tal revolução o pensamento grego, a civilização romana, e a teocracia hebraica. O monoteísmo tem a sua mais alta expressão no catolicismo. Comte reconhece que o ordenamento social do sistema católico medieval (no seu conjunto) é, até agora, a maior obra-prima política da sabedoria humana; da organização católica, em especial, ele tem uma tão alta opinião, que quereria transferi-la para o campo positivista, mudando-lhe a alma. Segue-se à fase monoteísta (a última do estágio teológico) o período *metafísico*, em que domina a razão. É um período de transição, amadurecido através das lutas internas da Igreja, das heresias (séculos XIV e XV) e das abertas e sistemáticas revoltas religiosas do século XVI (protestantismo e deísmo).

Finalmente, desponha o período *positivo*, que deve abranger toda a civilização, inclusive a religião. Daí a assim chamada religião positiva, que não é senão o culto da Humanidade. Tal humanidade, este Grande Ser, seria constituído por todos os homens passados, presentes e futuros, úteis à própria humanidade. Mas, além do Grande Ser, objeto do culto positivista, existe o Grande Fetiche, a terra, onde a humanidade vive, e o Grande Meio, isto é, o espaço, em que a terra está contida. O Grande Ser, o Grande Fetiche, e o Grande Meio constituíram a trindade positivista. A religião positiva compreende um dogma (a sociologia), um regime (a sociocracia) e um culto (a sociolatria), e se esforça por conservar o Grande Ser e aperfeiçoá-lo.

Comte determinou até os pormenores dessa nova religião. Até podemos dizer que, na segunda parte de sua vida, a sua atividade foi transferida do campo teórico e científico ao campo prático e religioso. Na organização exterior, essa nova religião positiva inspirase na igreja católica, de cuja teologia tira Comte, por exemplo, a idéia de *providência*. Esta providência seria — positivamente — representada pelas mulheres (providência moral), pelos sacerdotes ou

sábios (providência intelectual), pelos patrícios ou capitalistas (providência material), e pelos proletários (providência geral). Essas providências são naturalmente fundidas em uma unidade social.

Igualmente, da organização prática do catolicismo Comte tira o culto, que distingue em privado e público. O culto privado, por sua vez, é dividido em pessoal e doméstico. O primeiro dedicado particularmente à mulher, como sendo a mais apta a representar o Grande Ser; o segundo compreende *noves sacramentos*, com relação às fases mais importantes da vida. O culto público deveria ter um templo apropriado, oficiado por um sacerdócio organizado para isso, de conformidade com as solenidades estabelecidas pelo calendário positivista, onde os santos do cristianismo são substituídos pelos heróis do mundo. Tal religião teve, de fato, o seu centro em Paris, espalhando-se também alhures, especialmente na Inglaterra e na América, onde sobreviveu ao seu fundador.

Demoramos algo sobre este lado prático-religioso da atividade de Comte, nos pormenores, certamente ingênuo e fantástico, mas singularmente revelador da concepção e de praxe imanentista-humanista moderna. Tal concepção se concretiza em Hegel idealisticamente, em Comte naturalisticamente, mas suas bases e resultados são essencialmente idênticos: a humanidade — na sua totalidade ou em suas particularidades de raças, nações, estados — que toma o lugar da divindade, os interesses temporais da humanidade, que tomam o lugar do culto divino.

Hipólito Taine.

O positivismo de Comte — conquanto sistemático, desenvolvido e aplicado praticamente — não teve desenvolvimentos importantes e originais. O seu discípulo mais notável e seu continuador foi *Emílio Littré* (1801-1881), que recusa, porém, a parte religiosa da doutrina de Comte, julgando-a uma involução, um regresso do pensamento do mestre.

Se o positivismo não teve, todavia, na França, desenvolvimentos filosóficos importantes, espalhou-se dominando toda a vida civil e cultural, quer na França quer nas outras nações daquele período histórico. Nesse mundo positivista francês da segunda metade do século XIX domina a figura de *Hipólito Taine* (1828-1873), historiador famoso, mas também pensador e autor de obras filosóficas.

Na sua obra filosófica principal — *De l'intelligence* — Taine expõe a sua gnosiologia (e a sua filosofia em geral). Os elementos fundamentais do conhecimento são as sensações, entendidas, porém, não como o aparecer de alguma coisa a alguém, o aparecer de um objeto a um sujeito, de um mundo a um espírito, mas como um mero aparecer, uma identidade de sujeito e objeto, um absoluto fenômeno. As sensações elementares, combinando-se mecânica e sucessivamente entre si, dão origem a toda a vida cognoscitiva e espiritual em geral; antes, dão origem a toda a realidade.

Visto que toda a vida cognoscitiva não passa de uma combinação

O positivismo de Comte, embora filosoficamente pobre, se espalhou por todo o mundo.

Seu maior discípulo na França é Taine, historiador e filósofo. Sua obra fundamental.

causa e efeito

meccânica de sensações, as idéias gerais, os conceitos, que achamos na nossa consciência, não passam de nomes (nominalismo). E, igualmente, não existe a substância espiritual: o espírito é um feixe e um fluxo de sensações. E nem sequer existe a substância material: a matéria é um feixe e um fluxo de movimentos. Estes, por sua vez, reduzem-se a sensações, quando considerados imediatamente (através da consciência) e não mediadamente (através dos sentidos). E tampouco existe uma substância absoluta: a realidade absoluta é consubstancial, no fundo, por átomos psíquicos (sensações), que, combinando-se mecanicamente entre si, dão origem ao todo.

O POSITIVISMO INGLEZ

Onde o positivismo se manifesta em toda a sua genuinidade, na plenitude do seu desenvolvimento e em suas lógicas aplicações, é na Inglaterra, o país clássico do empirismo, de harmonia com o espírito positivo e prático da mentalidade anglo-saxônica. O positivismo inglês do século XIX pode, portanto, ser considerado como um desenvolvimento do empirismo inglês dos séculos XVII e XVIII; com um conceito a mais, porém, o conceito historicista, dinâmico, representado pela famosa lei da evolução. E pode também ser considerado como uma reação particular contra o pensamento tradicional, que teve na Inglaterra uma longa vida oficial. Embora o positivismo inglês apresente um número maior de pensadores notáveis, em comparação com o positivismo francês, limitar-nos-emos, também aqui, aos nomes principais: João Stuart Mill, o crítico do positivismo inglês, e Herbert Spencer, o sistematizador do positivismo inglês e do positivismo em geral.

João Stuart Mill.

O maior representante do positivismo na Inglaterra é João Stuart Mill (1806-1873); ele está na linha clássica do empirismo inglês, mas sofreu também a influência do positivismo de Comte. Os seus escritos filosoficamente mais importantes são: o *Sistema de Lógica*, e o *Utilitarismo*. Interessou-se também vivamente pelas questões políticas, escrevendo a esse respeito alguns ensaios interessantes. O positivismo de Mill é crítico e coerente como o de Hume. Levanta ele todo o edifício do saber humano sobre as puras sensações, consideradas como dados primários e irredutíveis, coligadas entre si unicamente pela lei da associação. A fonte de todo o nosso saber é a experiência, a mera experiência, sem elemento algum *a priori* ou intelectual em geral. O nosso raciocínio é, portanto, apenas indutivo: mas não como passagem do particular ao universal, e sim como passagem do particular ao particular (raciocínio analógico).

Se se conheceu muitas vezes que um ser, ou fato, da experiência é dotado de certos caracteres A.B.C.D, quando se apresentarem na experiência os caracteres A.B.C, se pensará por analogia, por associação, que esteja presente também o caráter D. Quando, por exemplo, se conhecesse que Fulano e Sicrano, dotados de certos caracteres, mor-

Taine sustenta um fenomenismo e um sensismo absolutos. Não existe substância absoluta.

?

Cabe ao positivismo inglês o primado especulativo e o completo desenvolvimento da filosofia positiva.

Os maiores positivistas ingleses.

O maior positivista inglês é Stuart Mill (1806-1873). Suas obras.

Para ele, o edifício do saber humano é baseado exclusivamente nas sensações.

reram, se deduziria, por analogia, que falecerá também Alexandre, dotado dos mesmos caracteres (humanos) dos precedentes, embora não haja ainda falecido. Naturalmente a morte de Alexandre não é absolutamente certa, pois a proposição *todos os homens são mortais* não é absolutamente universal, mas resume apenas os casos experimentados até agora. Poderia ser que isto (a morte dos homens) não acontecesse mais no futuro, para casos não experimentados ainda. Fundamentando-se tudo na experiência, e unicamente na experiência, também o princípio de *uniformidade da natureza*, sobre o qual deveria assentar a universalidade das leis da própria natureza, vale apenas para os casos experimentados, e, logo, não pode ter valor universal.

Compreende-se, portanto, a famosa crítica de Stuart Mill ao silogismo. Nesta crítica infirma ele a validade universal da premissa maior, porquanto a quereria fundada sobre a totalidade dos casos particulares; ao passo que a sua universalidade depende fundamentalmente da penetração *intelectual* do particular, do sensível, e, portanto, antes de tudo, da enucleação do conceito, sendo ele só universal. E compreende-se, em geral, o seu nominalismo: para ele, o conceito universal é só um nome, e não representa uma essência objetiva, precisamente porque tal essência não pode ser atingida senão pelo intelecto — naturalmente desconhecido ao empirismo de Stuart Mill — e não pode ser atingida pelos sentidos, atingindo estes só o particular.

Tal a gnosiologia de Stuart Mill. Quanto à metafísica, pouco há que dizer, dado sempre o seu empirismo. A sua é uma metafísica fenomenológica, em que a realidade é reduzida à sensação. Ou presentes (atuais) ou possíveis (potenciais) as coisas são *possibilidades permanentes de sensações*, isto é, sensações que poderão ser efetuadas na consciência, quando se apresentarem determinadas condições. Isto é verdadeiro a respeito das coisas, e isto é também verdadeiro a respeito do eu, que nada mais seria que uma *possibilidade permanente de sensações*.

Dado o empirismo teórico, compreende-se, enfim, o utilitarismo moral de Stuart Mill. O movente último de toda ação humana é a própria utilidade; ora, a experiência ensina ao indivíduo que ele não pode conseguir plenamente a própria utilidade, a não ser levando em conta a utilidade dos outros. Daí o utilitarismo individual ampliar-se em um utilitarismo social, coletivo. E o princípio utilitário da moral seria: *a maior felicidade do maior número possível de homens* — abrangendo o conceito de felicidade não somente os prazeres sensíveis, mas também os espirituais.

Entretanto, o utilitarismo individual não se converteria necessariamente só em utilitarismo social. Segundo Stuart Mill, o egoísmo utilitário dever-se-ia converter também em altruísmo, sobre a base do princípio geral de associação. Segundo o critério utilitário, o homem, primeiro, considera os seus semelhantes como instrumentos do seu interesse; e só por isso respeita e promove os interesses deles.

Sendo baseado só na experiência, o saber humano não tem valor universal,

e o silogismo não tem valor demonstrativo.

A metafísica de Stuart Mill é fenomenista: as coisas são possibilidades permanentes de sensações;

e a sua moral é utilitária.

Entretanto, o egoísmo individual deve transformar-se em altruísmo.

Sendo, entretanto, o seu bem estritamente associado ao bem dos outros, pouco a pouco, o homem esquece-se dessa ordem, confunde os meios com os fins, e se comporta como se o único e último fim do operar fosse não o seu bem, mas o bem de todos. Destarte, Stuart Mill procura explicar empiristicamente as ações morais, de-sinteressadas, que a experiência apresenta.

Herbert Spencer.

Se Stuart Mill deve ser considerado o mais agudo e coerente representante do positivismo inglês, Spencer pode ser considerado o sistematizador e o divulgador daquele mesmo positivismo. Herbert Spencer (1820-1903) elaborou, de fato, um completo sistema de princípios e de ideais positivistas, segundo um programa por ele estabelecido em 1860 no *Sistema de Filosofia Sintética*, e aos poucos realizado em dez volumes: *Princípios de Psicologia* (1862); *Princípios de Biologia* (1864-67); *Princípios de Psicologia* (1870-72); *Princípios de Sociologia* (1876-85); *Princípios de Moral* (1892-93). Lembremos que, para Spencer, a filosofia não tem um objeto seu próprio, essencialmente diverso do da ciência; mas constitui — como para Comte — o conjunto, a sistematização das ciências unificadas pelo grande princípio da evolução, e uma espécie de crítica da metafísica.

A característica principal do positivismo de Spencer está na aplicação da famosa lei da *evolução* a todo campo da experiência. Esta lei, Spencer tinha formulado antes do seu compairício e contemporâneo Carlos Darwin, o célebre naturalista; ela pode ser expressa sinteticamente dessa forma: progresso do múltiplo e do indetermi-nado para o uno e o determinado, permanecendo imutável a força fundamental, que constitui o núcleo misterioso da realidade.

É preciso, naturalmente, levar em conta que a evolução dos indivíduos que compõem a realidade, se realiza em relação, em distinção, em oposição ao todo, de que eles fazem parte, segundo estes famosos princípios do evolucionismo de Spencer: a criação do órgão por parte da função (e não vice-versa); e a luta pela vida e a conseqüente seleção natural. A *função cria o órgão* (e não decorre do órgão) significa que o indivíduo, o organismo, ainda mais ou menos não diferenciado, para viver e desenvolver-se, é constringido a reagir, adaptar-se ao ambiente, e por isso, reagindo e adaptando-se, cria para si os órgãos necessários para a sua vida e para o seu desenvolvimento. Quando o indivíduo, o organismo, não tem a força para se adaptar ao ambiente, não consegue *lutar e vencer na luta pela vida*, sucumbe e morre. Pelo contrário, sobrevivem e se desenvolvem os organismos mais fortes, que puderam adaptar-se ao ambiente e vencer nessa luta pela vida. Nisto consiste a *seleção natural*.

A grande lei da evolução, bem como as outras leis da função criadora do órgão, da luta pela vida e da seleção natural, valem para toda a realidade, orgânica e inorgânica, sensível e espiritual, para a vida física — que Spencer tinha especialmente em vista — e para a vida espiritual, teórica e prática.

O sistematizador e o divulgador do positivismo inglês é Spencer (1820-1903).

Suas obras filosóficas.

A filosofia não tem objeto próprio.

Característica do pensamento spenceriano é a lei da evolução.

Natureza desta lei da evolução. Princípios famosos do evolucionismo spenceriano.

Spencer é um empirista convicto;

e a sua moral é utilitária.

Também Spencer é um empirista convicto. Todo o nosso conhecimento depende da experiência, é a *posteriori*, pensa ele; mas julga que haja pressupostos do conhecimento, coisas formadas a *priori* (espaço e tempo, princípios lógicos) não num sentido absoluto, e sim relativamente ao indivíduo. Este possuiria formas gnosiológicas inatas, transmitidas por hereditariedade, e que a espécie foi formando e fixando aos poucos pelas leis acima mencionadas (a função criadora do órgão, a luta pela vida, a seleção natural). O que vale para o conhecimento, vale também para a ação, para a moral: há princípios morais que se impõem ao indivíduo absoluta e obrigatoriamente, prescindindo de qualquer cálculo de utilidade individual. Se fora diferente o nosso ambiente, diferentes seriam os princípios da ciência e da ética.

Em relação e em dependência com o princípio de evolução e leis relativas, Spencer trata toda actividade humana, e desenvolve toda disciplina: pedagogia, religião, etc. Em *pedagogia* propugna a instrução científica, em oposição à cultura humanista, julgando a primeira mais formativa, útil e prática do que a segunda, considerada um elemento ornamental, de luxo. Cumpre acrescentar algo a respeito do conceito spenceriano de *religião* (natural e positiva), porque aí encontramos a sua assim chamada metafísica agnóstica; e porque a sua concepção animista acerca da origem histórica da religião teve uma larga fortuna nas doutrinas modernas sobre a religião.

O positivismo de Spencer toma uma forma explícita de agnosticismo. De fato, afirma ele, além do mundo dos fenómenos, atingível mediante a ciência, a existência de uma realidade absoluta, denominada *incognoscível*, pelo fato de transcender a capacidade do conhecimento humano. A existência do Incognoscível, do Absoluto, é considerada por Spencer como um dado imediato, fundamental da consciência, e assim julga Spencer justificar a religião perante a ciência. O domínio próprio da ciência é o concebível; se ela transpõe seus limites e tenta penetrar com as suas leis no campo do inconcebível, cai em graves contradições. O domínio da religião seria o inconcebível. Se ela entra no campo do concebível, isto é, quer tornar cognoscível o incognoscível, cai igualmente em contradições, que a ciência tem o direito de criticar. Por conseguinte, a religião teria por seu objeto próprio o mistério; e a história das religiões justificaria essa tese mediante o significativo conceito de *revelação*, e com o sempre maior conhecimento da impossibilidade de conceber a Divindade.

Pode-se fazer duas observações fundamentais a essa filosofia da religião spenceriana, conforme se interpretar o conceito de incognoscível negativa ou positivamente. Parece a Spencer poder salvar a religião, recorrendo ao conceito negativo do incognoscível, que escapa à crítica da ciência. Na realidade, um ser de que nada podemos saber, e com o qual, por conseguinte, não é possível ter relação alguma, não parece capaz de constituir uma religião no sentido próprio da palavra. De fato, não podemos dizer que o incognoscível

Critica à filosofia da religião de Spencer.

é imanente ou transcendente, múltiplo ou uno, matéria ou espírito, precisamente porque é incognoscível. Entretanto, uma concepção metafísica é implicada necessariamente na atitude espiritual de cada homem, e tanto mais de um pensador; e o próprio Spencer tende a conceber naturalisticamente o seu incognoscível como imanente energia. Portanto, uma metafísica monista-naturalista, ainda que contra as intenções de Spencer, se oculta no fundo do seu pensamento. Dai resulta, por outro título, a impossibilidade da religião por todos os motivos que decorrem de toda concepção monista da realidade, especialmente quando esta é concretizada materialisticamente.

A fenomenologia religiosa spenceriana — isto é, a ciência das religiões positivas, históricas — é, no fundo, uma confirmação disso. De fato, o monoteísmo, isto é, o teísmo — a única concepção religiosa possível de Deus — é considerado como o desenvolvimento pleno do animismo originário, a expressão perfeita de uma ilusão radical; e a valorização filosófico-religiosa da alma é monista-naturalista. A concepção animista do *primitivo* conteria um germe de verdade: enquanto a força que opera em nossa consciência é idêntica à força que se manifesta no mundo material. E as religiões positivas, as religiões históricas, não poderiam ser senão o sucedâneo prático para o homem vulgar daquilo que será a concepção monista-naturalista da humanidade evoluída.

É conhecida a doutrina de Spencer em torno da origem histórica da religião. O homem primitivo — por causa especialmente do sonho, durante o qual parece que o nosso eu se separa do corpo enquanto nós dormimos — chegaria à convicção de que um ser particular, um espírito, lhe pertencia, concebido como independente do corpo e, por conseguinte, sobrevivendo à morte. Esses espíritos separados e todavia ativos, especialmente os maiores, dariam origem à religião dos *antepassados*, a primeira forma de religião. Desta seria derivada a *religião naturalista*, enquanto se imaginou que tais espíritos — sempre mais selecionados — poderiam habitar também dentro dos corpos físicos. Esses espíritos, na evolução da civilização, teriam formado as duas classes dos deuses superiores e inferiores do *poitismo*. Os primeiros, enfim, teriam sido "hierarquizados" sob o Deus supremo do *monoteísmo*. Este constituiria o vértice da religião, historicamente entendida, e, ao mesmo tempo, o vértice da ilusão animista (46).

(46) Leonel FRANCA escreve sobre o pensamento filosófico de Spencer: "Como a miragem dos desertos que, ao longe ilude e atrai, mas de perto dissipa-se e evanescce, a sintonia spenceriana acorda, à primeira vista, a primeira impressão, pela vaidade e unidade aparente de sua estrutura, mas examinada com vagar, a luz de uma crítica serena, revela aqui deficiências, além das contradições, que sempre se acham, e aqui, no entusiasmo suscitado no mundo científico pelas idéias darwinistas e a deficiência de pensadores de mais larga envergadura explicam o êxito efêmero da filosofia de Spencer" (Cf. *História da Filosofia*, págs. 203-205).

E Faria Brito: "Nas suas formas vagas tudo é incerto, tudo é indeciso, indefinível e oco". "Se bem que (Spencer) tenha o princípio iludido por uma certa fulguração aparente e por uma aparente conciliação de contrários, as antinomias já não podem agora ocultar a sua profunda esterilidade, cujo sentido de amargura se torna mais manifesto com o tempo". "Deve ser considerado mais tarde como símbolo da mediocridade filosófica em nossa época" (*A Base Física do Espírito* p. 216, e p. 213-4) Cf. a importante obra de Luis Atanahildo "A Origem do Mundo e do Homem", Lisboa — São Paulo, 1958, e o excelente livro de F. M. Berguignon, *Origem e Destino da Vida*, Ed. Melhoramentos, S. Paulo, 1961, a respeito do pensamento católico moderno e os problemas do evolucionismo.